

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



MURILLO.

Ha um periodo na vida das nações que parece destinado pela providencia para a ventura e para a grandeza: é a virilidade do povo que se mostra em toda a sua plenitude, que se manifesta forte, intelligente, ousada. Todos os obstaculos se quebram com o impeto dessa grande força, todos os poderes se curvam ao jugo da nação conquistadora. Os homens de genio não faltam então na hora solemne, para celebrarem a gloria da patria, e para lhe tornarem maior a illustração pela sublimidade da sua intelligencia.

Nós, que hoje somos pobres, que nos revolvemos

na obscuridade e quasi na miseria, esquecidos pela Europa, dirigidos e dominados por ella, e pelas suas idéas, já tivemos tambem a nossa hora de grandeza; fomos um povo glorioso e forte, e para celebrar os triumphos e conquistas que fizemos, deu Deus a Portugal o maior poeta dos tempos modernos.

Não foi unicamente a cobiça insaciavel da nobreza, não foi essa degradação successiva da raça dos nossos monarchas, que veio a acabar na imbecil venalidade do cardeal, quem nos matou: o poder invasor da nossa rival de então, da Hespanha, cujo braço dominava a Europa e se estendia além dos mares, contribuiu tambem para a nossa ruina. Quando nós crescía-

mos em força, a Hespanha crescia tambem: os seus recursos eram maiores, os seus thesouros mais ricos, os seus exercitos mais numerosos; luctamos com gloria, mas fomos vencidos.

O periodo providencial, em que a Hespanha devia ser a maior nação do mundo tinha chegado: a gloria dos portuguezes fazia sombra á dos seus vizinhos de Castella, porque era tão grande, maior talvez que a delles; por isso succumbimos. Mas não foi a espada que nos conquistou, foi o ouro.

Quando pertencemos á Hespanha, esta nação era temida e respeitada pelo mundo inteiro. As conquistas gloriosas de Carlos V, e as intrigas do poderoso Philippe II tinham-lhe estendido os dominios por grande parte da Europa, e por quasi todas as nações que atrevidos navegantes acabavam de descobrir.

As artes tinham recebido então um grande impulso em toda a Peninsula. De Carlos V a Philippe IV a Hespanha possuiu grandes poetas, e pintores sublimes. Ha porém uma circumstancia singular neste cyclo da arte hespanhola, que é digna de notar-se, porque contraria um principio vulgarmente admittido. As artes não acompanharam aqui parallelamente a decadencia do poder politico; pelo contrario, de Carlos V a Philippe IV, as artes foram sempre crescendo em perfeição e desenvolvimento, e a Hespanha foi decabindo e degradando-se, perdendo a força e deixando fugir cada dia uma provincia, um reino, uma conquista.

As artes attingiram a sua maior perfeição no reinado do rei poeta. Então viveu Calderon, então floresceu Lopo da Vega, e pintaram Velasquez e Murillo.

O cyclo da pintura hespanhola, um dos mais ricos e formosos que tem a historia da arte, nasceu debaixo da influencia das escolas italianas, principiou em Juan de Juanes para acabar em Murillo. Juan de Juanes foi discipulo da escola de Roma; o estilo deste artista é uma imitação do estilo de Rafael, a quem Palomino o compara, dando-lhe por vezes a preferencia. Juanes possuiu as qualidades que distinguem a bella escola onde recebeu a sua educação de artista.

Entre Juanes e Murillo existiram muitos pintores extraordinarios, entre estes Ribera, Zurbaran e Velasquez, cujos nomes a arte escreveu no seu livro de ouro.

Ribera foi por indole e por educação um pintor italiano: os seus tres estilos distinctos, que correspondem a tres periodos da sua vida, nasceram do estudo dos mestres da Italia. Discipulo de Caravaggio em Roma, Ribera pintou *Prometheu*, *Madaglena no deserto*, e *S. Bartholomeu*; composições de uma ousadia, força, e extranho effeito, que espantam, mas não satisfazem o espirito. Discipulo do Corregio em Parma, o illustre artista executou um *S. Pedro*, um *S. Paulo ermita*, uma *escada de Jacob*, cujo desenho bem calculado, colorido puro, e suave expressão, fazem

lembrar as obras do novo mestre. Na terceira epoca Ribera creou um estilo seu, cujos caracteres são a força, a grandeza, e a expressão.

Zurbaran foi o pintor do ascetismo religioso; foi elle quem representou melhor a austeridade da vida do claustro, quem melhor deixou adivinhar escondido no grosseiro burel do frade o corpo macerado do martyr.

Velasquez occupa nas escolas hespanholas o lugar que Alberto Dureiro e Rubens occupam nas escolas alemã e flamenga. Velasquez resumiu em si todos os talentos, todos os estilos, todas as fórmãs da sua arte. Paizagista, como Salvador Roza; retratista como Van-Dyck; imitador da natureza como Rubens; grandioso no seu quadro *de las Lanzas*, comico nos *Borrachos* como ainda artista algum o soube ser; Velasquez é talvez o pintor de maior genio, e sobre tudo de mais *facilidade* no trabalho, que tem existido.

Murillo foi o discipulo, o rival, o amigo do grande Velasquez. Este pintor celebre nasceu em Sevilha em 1618: o seu talento manifestou-se ainda em tenra idade. João de Castilho foi o seu primeiro mestre; porém só debaixo da direcção de Pedro de Moya, discipulo de Van-Dyk, é que Murillo começou a aperfeiçoar o seu talento natural.

Em Madrid o joven pintor, protegido por Velasquez, estudou tres annos as obras dos primeiros mestres, que se achavam reunidas nas galerias reaes. Ao cabo destes tres annos de estudo, Murillo voltou para a sua terra natal, onde, fechado n'um convento, e vivendo isolado como um cenobita, dedicou todas as horas da vida ao trabalho.

Murillo era dotado de uma fertil e brilhante imaginação, possuia uma alma sensivel e exaltada, e por isso nas suas obras, em vez de procurar a realidade como Velasquez, buscou o idealismo e a illusão. Este pintor usou alternativamente de tres estilos, — a que os hespanhoes dão as denominações de *frio*, *calido*, e *vaporoso*.

No genero *frio* Murillo pintou muitos mendigos, e algumas scenas intimas, entré as quaes é notavel uma *Sacra familia*, que não tem nenhum caracter religioso. Uma *Adoração dos Pastores* e *Santa Isabel de Hungria* são quadros admiraveis no segundo genero. No genero *vaporoso* é notavel o *Martyrio de S. André*, em que uma luz prateada e transparente, que anjos derramam do céu dá á scena um ár fantastico, e vago que arrebatava.

O quadro que representa a nossa gravura existe na galleria nacional de Londres: é S. João com o cordeiro. Passa por uma das joias mais preciosas que possui a Inglaterra.

Murillo morreu desastrosamente em Cadix no anno de 1681, de uma queda. Quando morreu as suas obras eram já estimadas em toda a Hespanha, e o seu nome gozava de grande celebridade.

João d'Andrade Corvo.

## PARTIR PARA SER BISPO E ACABAR SINEIRO.

(THROWS FOR BISHOP-DRAWS BEADLE)

## PROVERBIO

TRADUZIDO.

## PESSOAS

TOM RUFFLING, mendigo de S. Paulo.

PAT O'QUICKLY, pobre diabo irlandez.

DICK MAC'SHANC, empregado n'uma casa de jogo.

JOE CRABBE, marinheiro do Tamisa.

POPPER, mendigo pequeno, criado de Tom Ruffling.

SUCKG, criada de taberna.

Um commodoro.

Um moço.

A scena passa-se debaixo do peristilo da igreja  
de S. Paulo em Londres.

## SCENA I.

## TOM RUFFLING, PAT O'QUICKLY.

Tom Ruffling, mendigo de sessenta annos proximoamente, occupa um tonel proximo de uma das portas da igreja, e pede de tempos a tempos esmola aos que passam, levantando-se nas pernas tortas e disformes.

Pat O'Quickly, esfarrapado, coberto de pó, cançado, chega ao pateo e encosta-se ao seu *schilletagh* para reconhecer as localidades. A' vista do abrigo de Tom Ruffling, faz um signal de satisfação, sobe as escadas e vem collocar-se diante do pobre de S. Paulo.

Durante a conversa de Tom e de Pat, entra na igreja uma multidão de pessoas a quem Tom faz signaes de amizade, porque S. Paulo era então o ponto de reunião dos miseráveis. O proverbio dizia « Quem vai buscar mulher a Westminster, criado a S. Paulo, cavallo a Smithfield, tem em casa uma desavergonhada, um garoto, e um senheiro. »

PAT.

(Batendo no hombro de Tom.) Sois o amigo Tom Ruffling, um mendigo e um pobre diabo como eu?

TOM.

(Observando-o com dignidade.) Homem! ha dois sins, e dois não a responder. Sou de feito Thomaz Ruffling, mas não sou o amigo da primeira pessoa que me sabe o nome. Sou com effeito um dos membros da honrada corporação dos mendigos de Londres; mas em quanto á qualidade de pobre diabo, se pensas que ella se possa applicar ao filho de vosso pae, não poderia convir a um homem que póde prender, como se costuma dizer, o futuro na sua bolça. — Pobre diabo! dizeis? podeis continuar vosso caminho. Se procuraes a companhia de um pobre diabo, achal-a-heis talvez ficando em dialogo com a vossa propria pessoa, mas não em companhia de Thomaz Ruffling.

PAT.

Oh! que Deus me castigue se disse alguma coisa para vos offender, e apezar disso estaes tão vermelho como uma batata pellada. Não entendo metade do que rosasteis, mas o que é certo é que eu não deixei Bill-Town para continuar o meu caminho, visto que cheguei ao meu destino, louvado Deus! e que foi para vos encontrar que me mandaram. Primeiro que tudo assento-me no chão, as minhas pobres pernas já não consentem que os meus pobres pés as tragam. (Assenta-se.)

TOM.

Dizeis que alguém vos mandou para mim?

PAT.

Sim, sim, um alegre rapaz que fez fortuna a es-tender a mão, Daniel O'Dhu; não o conheceis?

TOM.

O' se o conheço! é um dos mais distinctos mendigos que tenho conhecido, sim, dos mais distinctos, apezar de ser irlandez. Receio porém que por ali ande alguma leviandade; é um louco, e que ganhou de mais a mais o seu dinheiro pela loucura. Qual era o seu fim quando vos mandou ter comigo?

PAT.

Um dia que eu andava pedindo esmola, e que me sentia quasi a cahir de fraqueza, encontrei Daniel O'Dhu, que me levou a um dos seus casaes. Naquelle dia comi perfeitamente; havia um estufado de Irlanda e carneiro cozido com molho; foi a segunda vez que comi carne na minha vida. Quando o gordo Daniel soube as minhas aventuras, disse-me: « Pat O'Quickly (é assim que me eu chamo), não se pódem pellar calvos, não se póde mendigar n'uma terra de mendigos. »

TOM.

Estou vendo daqui o que vai succeder.

PAT.

Contou-me a sua historia; como tinha partido do seu condado tão magro como um alamo; como lhe tinha ido crescendo a barriga ao atravessar a Escossia e a Inglaterra; que Londres era a ostra dos mendigos; que um irlandez como eu, Dick Mac'Shanc, era um ricaço em Londres...

TOM.

Um! um ricaço! O que lhe entre em casa pelo az de páus sae pelo valete de ouros.

PAT.

Disse-me que ereis um dos seus amigos velhos, e que fazia bem em vir procurar-vos a S. Paulo. Reconheci-vos iummediatamente, porque elle vos descrevia perfeitamente no vosso tonel; sabeis como elle é alegre. « E' um velho, me dizia elle, que ao pé das saias pensa ainda, como no proverbio, ter ainda os seus dentes de frangão; é um carocol que... »

TOM.

Basta, basta, conheço o feitio das suas graças.

PAT.

Vim pois atrevidamente, caminhando nos meus ças-

patos. Daniel tinha-me dado dois schellings, mas não me chegaram nem a dois terços do caminho. Então comi quando tinha a ventura de chegar na occasião em que as donas de casa tiravam a panella do lume; comi quando os lavradores tinham á mão o seu sacco para me dar um. . . conço lhe chamam elles? . . . um *lock*, isto é, dois punhados de farinha. Quando não cheguei ás horas felizes, e que não havia no almario os restos de algum velho *pudding* ou um pedaço de merendeiro duro, então não comi. Mas por fim cheguei e estou com vosco. Uh! posso ter a esperança agora de vir a ser como Daniel O'Dhu, e de comer carne como elle nos dias da velhice. Uh!

TOM.

E viestes para ser mendigo em Londres?

PAT.

Para isso, para ser mendigo em Londres.

TOM.

(*Comsigo mesmo.*) Disso estava eu certo. Oh! é doudo de palhas aquelle Daniel! ha sempre um não sei que d'irlandez no fundo do melhor Irlandez. Diz: Vai, e serás mendigo em Londres, sem mais averiguação, sem lhe consultar a intelligencia, sem saber quem elle é, como se a nossa corporação devesse receber por recrutas rapazes perdidos, indolentes, gente sem recursos! E este pensa que basta tirar o bollo do forno \*osido em ponto para o roer. Não se concebe uma loucura igual! Daniel na verdade, não comprehendeu nunca a dignidade e elevação da sua profissão.

PAT.

Que dizeis ahí entre dentes?

TOM.

Eh! senhor Pat, este Daniel O'Dhu tão caritativo de certo vos informou do que era preciso para chegar a mendigo de Londres?

PAT.

Nada. A cousa é difficil! Basta dizer um *pele amor de Deus* e estender a mão.

(Continua.)

## CORRESPONDENCIA.

Damos hoje publicidade a uma carta do Sr. Balaca; pintor hespanhol que executou o retrato de S. M. para a camara dos deputados.

Não é uso, nem convem de modo algum que um jornal litterario abra as suas columnas a correspondencia, cuja unica utilidade é satisfazer a vaidade pouco comedida (esta carta que publicamos denota uma extraordinaria vaidade apezar das suas humildes protestações) de artistas que teem a pretensão de ser mais do que na realidade são.

O Sr. Balaca confessa, — e era essa uma das asserções do nosso chronista — que se serviu de dois retratos, o do Sr. Krumholz original, e o do Sr. Fon-

seca, mas pede apezar disso para a sua obra as honras de um original. O Sr. Balaca deve saber que essas honras só pertencem aos *originaes* e nunca a copias, mesmo quando estas são livres.

Nós reconhecemos gostosos, e temos em muita consideração o talento do Sr. Balaca, mas permitta-nos que lhe digamos que o desafio que elle lança ao seu *competidor* (que não é de certo o nosso chronista, que não pinta) é bastante arriscado, por isso mesmo que se não dirige a um certo e determinado individuo. O Sr. Balaca, como bom artista que é, deve reconhecer que ha outros muito melhores do que elle, e sobre tudo que conhecem muito melhor o *desenho*: ora se algum desses acceitar o duello, é certo que a victoria ficará *pele menos* duvidosa.

Em quanto á duvida em que o Sr. Balaca põe a nossa competencia na avaliação das suas obras, e á appellação que faz de nós para o publico, não responderemos agora. N'um artigo especial trataremos de avaliar imparcialmente e á luz dos principios da arte as obras do Sr. Balaca, e então lhe provaremos a nossa competencia. Entre tanto permitta-nos o digno artista que lhe digamos, que a appellação não é das mais judiciosas. Na avaliação de obras de arte, que exige conhecimentos thecnicos, não se pôde admittir, não admittiu ninguem ainda o *suffragio universal*. E até se conta uma anedota de um celebre artista grego, que prova a força desta verdade. O artista comprehendeu uma obra, em cuja execução seguiu os conselhos de todos os Athenienses que lhos queriam dar; e outra occultamente sobre o mesmo assumpto em que seguiu só as indicações da propria inspiração: a primeira sahio monstruosa, a segunda bella como o eram as estatuas da Grecia.

Depois desta prova pôde o Sr. Balaca appellar para o publico; não lhe invejamos as coroas que receber deste tribunal; como premios das suas obras de pintura, se entende.

Srs. Redactores da Epoca.

Tendo-se apresentado na chronica dos n.ºs 28 e 29 do seu acreditado jornal algumas asserções inexatas que ferem o meu melindre e a minha reputação artistica, não posso deixar de rogar-lhe o obsequio de admittirem na sua folha as seguintes declarações:

E' verdade que o Retrato de S. M. a Rainha, que se acha na camara dos Srs. Deputados, não é um original meu, mas é um copia livre do Retrato do Sr. Krumholz, feito no anno de 1846.

E' tambem verdade que eu me promptifiquei gostoso a tirar esta copia, reservando-me fazer algumas modificações na phisionomia; e para este fim pedi e obtive um logar apropriado para fazer as minhas observações em a Sê desta cidade no dia de N. S. da Conceição — se eu tive ou não a felicidade de obter a este respeito algum resultado o publico que é o *jury* competente nestes assumptos da arte, que o decida. —

Tambem é verdade que o retrato do Sr. *Fonseca* esteve em minha casa, para por elle fazer o Busto de S. M. o Imperador de memoria saudosa para todos os amigos da liberdade — Busto que foi finalmente copiado por um outro de gesso, que ainda se conserva na minha residencia.

Esta é a verdade dos factos, que eu *humilde*, mas *honrado artista* nunca poderia alterar por considerações ou interesses alguns do mundo.

Vejo porém com desgosto que se pretende lançar uma especie de *desfavor* sobre os dois artistas estrangeiros, que tiveram a honra de fazer os dois Retratos, que existem na camara dos dignos pares do reino, e dos Srs. deputados; como se elles fossem culpados de haverem sido feito com mais ou menos felicidade aquelles Retratos.

Acho nisto em verdade uma *semrazão*. As artes não tem patria, porque a sua é o mundo inteiro; e ainda que a minha como *bom hespanhol* seja a minha *querida e desgraçada Hespanha*, como artista é todo o mundo.

Eu fui porém acolhido nesta boa e hospitaleira terra com tanto agasalho que a considero como uma segunda patria, mesmo porque já aqui nasceram alguns dos meus filhos; e então doo-me de ver que n'um paiz, que tem tantas e tão brilhantes glorias, que tem um bello nome e uma honrosa historia, haja quem queira disputar a alguns artistas estrangeiros, a tal ou qual reputação que tem adquirido no exercicio da sua arte!

Ultimamente; se eu sou ou não capaz de copiar do natural um retrato como aquelle, o tempo o revellará um dia, se é que alguma das minhas humildes obras o não tem já revellado: e se nisto houver duvida por parte do meu occulto competidor; que appareça á luz do dia, que escolha o original que mais lhe agrada, que faça cada um de nós o melhor que poder, e o publico será o juiz desta lucta artistica, e coroará o vencedor.

E' muito desagradavel para um artista, humilde, mas honesto, fallar de si, mas forçado a fazel-o, para conservar o meu nome é preciso que o faça com a franqueza e com a dignidade de um artista.

Sou de V.

*José Balaca.*

## INDUSTRIA E SCIENCIAS.

### O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 30.)

757.º Como no nosso paiz ha dois climas muito distinctos, um nas provincias do norte e outro nas do

sul, não deve perder-se de vista esta circumstancia com respeito ás sementeiras de cereaes e principalmente do trigo; cumprindo que as do norte se antecipem uns quinze dias pelo menos sobre as do sul, visto que esta planta vegeta e cresce muito mais rapidamente nos paizes quentes do que nos frios. Nos fertes arredores de Lisboa e nos campos temperados do Alemtejo semeão-se muitos trigos em dezembro e mesmo em janeiro, que alcanção em pouco tempo os semeados em outubro e novembro, em quanto que nas provincias do norte os semeados na mesma epocha deixão de prosperar na maior parte dos annos.

758.º O trigo tremezou de primavera semea-se ordinariamente desde os meados de março até meados de abril. As sementeiras precoces desta estação são sempre as mais vantajosas, porque os trigos tendo pouco tempo para se desenvolver convem que se lancem á terra o mais cedo possível, para que os calores os não apanhem muito tenros. Desgraçadamente nem sempre é praticavel executar este preceito, por isso que o terreno acha-se frequentes vezes tão humido que não é possível deixar de espaçar a sementeira durante algum tempo, e esperar pela *sasão* com grave prejuizo desta cultura.

759.º O trigo póde, como os outros cereaes, ser semeado a lanço, e em regos ou linhas: o primeiro processo é o mais commum, e na generalidade dos casos o unico praticavel: o segundo póde e deve preferir-se nas circumstancias especiaes que já forão indicadas. Semea-se em linhas ou á mão, ou com o sementeiro — á mão nas culturas pouco extensas, como são as das hortas, dos ferrejeaes, &c., com o sementeiro nas grandes lavouras, como as dos casaes, das herdades, &c.

760.º O methodo de semear em regos é menos expedito e mais dispendioso, mas dá em resultado uma muito maior copia de productos. Esta maior produção é principalmente devidã á uniformidade com que a semente é espalhada no terreno, ao desafogo com que as plantas se desenvolvem, e á maior perfeição e proveito dos amanhos da sacha; e isto quer estes amanhos sejam feitos á mão, quer por meio da enchada de cavallo, cujo trabalho é tão expedito como conveniente.

761.º Os trigos quando semeados a rego e sachados são incomparavelmente mais productivos do que quando semeados a lanço e não beneficiados pela sacha. Nas sementeiras a rego poupa-se além disto uma grande quantidade de semente, de maneira que este methodo merece ser ensaiado em toda a parte onde for praticavel. Demanda porém grande copia de braços, que nem sempre estão á disposição do agricultor, e maiores despesas de grangeio; e é por estes motivos que não se tem generalisado; entretanto está demonstrado que o excesso da despeza feita com a sementeira e com a sacha é compensado pela economia proveniente da differença na quantidade da semente

empregada; ficando por tanto liquido todo o acrescimo differencial da produçãõ.

762.º Apenas o trigo fôr lançado á terra deve ser immediatamente coberto; e basta que o seja com uma camada de terra da espessura de duas pollegadas pouco mais ou menos. Cobre-se o trigo por meio do arado, ou por meio da grade quando o terreno é solto, e quando anda bem fabricado; ou finalmente por meio do extirpador quando o terreno é assente e anda bem limpo. Este ultimo methodo é summamente economico e proveitoso, e acha-se muito generalizado em França e em outros paizes agricolas, e começa a praticar-se na *borda d'agoa*, onde foi ha pouco introduzido pelo Sr. *Holbeche*, um dos agricultores mais entendidos daquelles sitios. O extirpador espalha e cobre a semente com tanta egualdade e expedição, que merece ser geralmente adoptado nesta operação.

763.º As plantas submittidas á cultura devem merecer-nos cuidados tão incessantes como os animaes que desejamos educar. Depois das sementeiras temos uma nova ordem de amanhos sempre uteis e quasi sempre necessarios á prosperidade de todos os cereaes e principalmente do trigo. Estes amanhos consistem na *acção e emprego do rolo*, na *monda*, na *acção e emprego da grade ou gradadura*, e na *sacha*.

764.º O *emprego do rolo* só é conveniente em certos casos — 1.º quando o solo se acha gretado e sublevado pela acção dos gelos, que revirando as plantas põe as raizes a descuberto e em contacto com o ar exterior e com a luz que as mata e desorganisa; esta operação pôde nestas circumstancias salvar os cereaes de uma quasi completa destruição — 2.º quando é necessario comprimir o terreno sobre a semente, a fim de facilitar a sua germinação.

765.º A *monda* é uma operação de maior importancia, e convem que seja praticada na grande generalidade dos casos. Consiste em arrancar as plantas ruins que podem prejudicar o desenvolvimento e fructificação das que se cultivão.

766.º Uma vez a falta de braços, outras a negligencia de certos cultivadores fazem com que a monda se suprima ou despreze em algumas localidades; mas os que levados da idéa de uma enganosa economia se evadem á despeza desta operação commettem um erro manifesto, principalmente se as suas ceareas são ameaçadas de serem suplantadas pelas máservas, porque está demonstrado que o acrescimo da produçãõ cobre muitas vezes tanto neste como nos demais casos o acrescimo da despeza da monda.

767.º Deve escolher-se para as mondas o tempo e a epoca favoravel — é preciso que a terra nem esteja demasiadamente humida para que os mandadores a não calquem com prejuizo das ceareas, nem demasiadamente secca para que a planta se não lacere acima do collo da raiz e não rebente depois com mais força. Tem-se recommendado como a melhor epoca das mondas aquella em que o trigo não tem ainda es-

pigado, mas tanto para esta como para quasi todas as operações agricolas não ha epocas fixas; e as mondas deverão antecipar-se mais ou menos segundo o maior ou menor desenvolvimento das plantas nocivas, e a maior ou menor precocidade da sua florescia. Todavia o mez de Março e principios d'Abril são a epoca mais ordinaria desta operação. Ha ainda uma outra monda que só se pratica em casos raros, e é a que se faz pouco antes da ceifa com o fim de obter o trigo limpo de todas as sementes estranhas.

768.º A *gradadura* é uma operação muito util e ás vezes necessaria: é uma especie de *sacha* economica que costuma ordinariamente dar-se quando os trigos estão ainda muito recentes e tenros. Os nossos agricultores convencidos da efficacia da gradadura como meio proprio a preparar as terras, e a cobrir as sementes, não reconhecem com tudo os excellentes resultados desta operação como meio de entretenimento das searas de trigo, com quanto ella seja da maior vantagem empregada neste intuito.

769.º A acção da grade revolvendo e cortando o terreno destroe na verdade muitas plantas; mas as restantes adquirem por esta operação uma tal energia de desenvolvimento que torna incontestaveis as suas vantagens, uma vez que se proceda com as precauções necessarias. Quando depois da gradadura, diz o celebre *Thaer*, o campo apresentar a apparencia de haver sido recentemente semeado de maneira que apenas nelle se perceba aqui ou alli alguma folha verde, será então que a operação produzirá todas as suas vantagens; e com effeito depois de oito ou dez dias, conforme a temperatura, vêr-se-hão as plantas rebentar de novo, e em pouco tempo o campo se apresentará mais guarnecido dellas do que qualquer outro circum vizinho que não tenha soffrido esta operação: nos paizes onde ella é geralmente usada e conhecida perdoase ao cultivador antes qualquer outra negligencia do que a ommissão da gradadura no momento favoravel e no tempo proprio.

770.º A *sacha* é de uma efficacia incontestavel e praticamente demonstrada, mas nos trigos semeados a lanço é uma operação muito longa, difficil e dispendiosa, porque tem de ser feita á mão e no meio de grandes embarços; entre tanto mesmo neste caso o acrescimo que ella traz á colheita paga largamente as despezas que occasiona, além de deixar o solo mais bem preparado para as culturas seguintes. Mas se esta operação é de uma vantagem contestada nas trigadas semeadas a lanço, é pelo contrario de um reconhecido e evidente proveito nos trigos cultivados em linha, porque neste caso podemos servir-nos da enxada de cavallo que sachará diariamente para cima de uma geira de terra: e eis aqui porque dissemos que o uso do sementeiro estava ligado ao daquelle instrumento. Nós temos alguns factos de experiencia propria que nos demonstram o espantoso acrescimo de produçãõ, que resulta da cultura do trigo em linha

e sachado; cultura que em alguns concelhos da provincia do Alê-m-Têjo é conhecida pelo nome de *trigo de sacho*. Aquelle augmento de producção é tão grande que nós chegámos a obter mediante esta cultura mais de cincoenta sementes de um *farreçal* de que nunca obtivemos mais de dez, empregando a cultura ordinaria.

771.º A sacha feita á mão deve ser mais serodea do que a praticada com a enchada de cavallo. Como não se sacha ordinariamente mais do que uma vez é conveniente retardar esta operação até ao momento em que o trigo cobre toda a superficie da terra por ser essa a epoca em que pôde ser mais proveitosa.

772.º Depois de todas estas operações entrega o agricultor os seus campos aos cuidados e influencias da natureza, e espera pela epoca da *colheita*. Esta deve ser feita em bom tempo, quando o grão se achar em perfeito estado de maturação, o que se conhece desde logo pelo amarello da palha e pelo alourado da espiga. Não se deve porém differir a ceifa do trigo para quando o grão estiver completamente rijo e secco, porque neste caso desprende-se facilmente das espigas e perde-se uma grande parte delle. Alguns agricultores para evitar este inconveniente costumam cortar o trigo de manhã cedo, mas isto só se pôde praticar quando não ha grandes colheitas a fazer.

773.º Ceifado o trigo, ou por meio do *foucinho*, ou por meio de *gadanha* armada de pequenas varas (o que é mais economico mas menos usual), formam-se as paveas ou molhos, que se conservam por algum tempo na terra para que o calor do dia dissipe a humidade das espigas, e dispõem-se depois em pequenas medas pelo campo; para se conduzirem em seguida para a eira ou para o sitio onde se fazem as grandes medas, e onde ficam melhor acondicionadas e vigiadas.

774.º As medas que se costumam collocar junto das eiras são construidas do seguinte modo. Crava-se no chão uma vara de maneira que fique bem aprumada, e vão-se deitando em torno della as paveas ou molhos com as espigas para o centro. Ao passo que a meda se vai elevando, vai-se progressivamente augmentando a sua circumferencia até aos dois terços da sua altura; e dahi por diante vai-se diminuindo a mesma circumferencia até terminar em ponta quasi aguda que se cobre de colmo. A meda vem deste modo a apresentar a fórma de um pião invertido. Quando as medas se destroem deste modo os trigos ficam defendidos das chuvas, dos passaros e de outros animaes d'anhos.

775.º E' na eira que ordinariamente se separa o grão da palha, e isto por meio da *malha* ou por meio da *debulha*. Nos paizes meridionaes procede-se a esta operação logo depois das ceifas, e convem que se proceda a ella sem perda de tempo, a fim de evitar os estragos certos ou eventuaes, que pôdem sobrevir e embaraçar o recolhimento do grão. Nos paizes do norte, obstando muitas vezes o clima a que a *debulha* se

faça nos campos convenientemente, conduzem-se os pães para casa, e vai-se fazendo pouco a pouco esta operação, quasi sempre durante a estação das chuvas e das neves, quando o agricultor não pôde empregar-se em outros trabalhos ruraes.

776.º A *malha* é praticada por meio de *manguaes*, com os quaes os trabalhadores batem alternadamente as paveas estendidas na eira, a fim de separar o grão das espigas: segundo as experiencias de *Rozier* esta operação é mais economica, mas menos expedita do que a *debulha*: todavia a *malha* não é entre nós ordinariamente applicada aos calcadouros de trigo, mas sómente aos de centeio. Como a palha de trigo para ser aproveitada pelos animaes é preciso que seja muito bem quebrada e estroçoada, e como este resultado se não obtem pelo processo da *malha*, é principalmente por esta razão que se prefere a *debulha*.

777.º Esta operação é executada, ou por um cordão de bestas que se fazem trotar em torno do calcadouro, ou por meio do *trilho*; o primeiro methodo tem suas vantagens e seus inconvenientes; e é o mais usado na Italia, na Hespanha, e em Portugal: entre as suas vantagens devemos contar a da expedição e a maior perfeição do trabalho com relação ao mangoal, entre os inconvenientes a perda de uma grande quantidade de grão comido pelos animaes, e a falta destes em numero sufficiente para que a operação seja expedita e completa: o segundo methodo ou o do *trilho* é na verdade preferivel nas lavouras de grande extensão, e merece ser generalisado entre nós, onde estas lavouras são muito frequentes, particularmente nas nossas provincias do sul. Quando quizermos empregar o *trilho* é mister que façamos uma boa escolha deste instrumento. Aquelle que atraz descrevemos parece-nos o mais vantajoso, não só pela grande expedição, como pela maior perfeição do seu trabalho.

José Maria Grande.

(Continua.)

ANALYSE DO PROJECTO DE LEI SOBRE A REFORMA DO TERREIRO (N.º 8), E DA SUBSTITUIÇÃO DO SR. MORAES SOARES PUBLICADA NO DIARIO DO GOVERNO DE 3 DE JUNHO PASSADO (\*).

Este artigo, e o que se publicou no Lusitano de 10 de Maio passado não contem superfluidades, nem os tenho publicado por espirito de opposição.

Ha trinta annos que tenho servido todos os cargos da magistratura, desde o d'almotacel até o de juiz de tribunaes, e outros, sempre me oppuz aos ataques feitos ás leis, e conveniencias publicas, do que me tem resultado dimissões, perseguições, exilio, perda de

(\* Este artigo foi-nos communicado ha muito; a sua publicação tem sido demorada por consentimento do seu auctor.

boa parte de fortuna herdada, e outras injustiças. Tão grandes transtornos, que me tem vindo umas vezes dos governos, e outras do povo não tem podido amoldar-me á corrupção.

Não tendo os jornaes combatido, nem mostrado a inconveniencia dos projectos sobre Terreiro, tendo-se-me recusado a inserção dos meus artigos em varios jornaes, animo-me a pedir aos Srs. Redactores da Epoca me façam a graça, e á capital de Lisboa e seu termo, assim como a muitos lavradores de publicar mais alguns esclarecimentos em additamento aos que fiz no Lusitano, em ordem a dar mais clareza á doutrina que expendi naquelle jornal, e não se continuar á duvidar dos erros e defeitos dos projectos apresentados.

Depois que na camara dos Srs. Deputados se retirou da discussão o projecto n.º 8, tem-se na mesma camara continuado a pedir que elle volte á discussão, tendo o Sr. Moraes Soares apresentado outro no mesmo sentido, que foi transcripto no Diario do Governo n.º 131 de tres de Junho passado. No artigo do Lusitano mostrei as inconveniencias, e injustiças do projecto n.º 8 sem que ninguem até hoje, que eu saiba, tenha refutado, ou posto em duvida as doutrinas que expendi, nem tambem tenho visto impugnados os solidos e lucidos argumentes que o Sr. Deputado Antonio José d'Avila apresentou na discussão contra o projecto n.º 8. Depois de tantos esclarecimentos, e d'uma discussão longa na camara sobre o projecto n.º 8, para cuja discussão estavam os Srs. deputados preparados com documentos officiaes dados pelo governo em colleção, que lhes foi distribuida, nos quaes se mostra a inconveniencia do mesmo projecto, parecia que ou se devia regeitar, ou não se tornaria a lembrar: porém não acontece assim, porque torna-se a pedir a sua discussão, e apresenta-se um outro do Sr. Moraes Soares, ainda cheio de maiores erros e inconveniencias que o projecto primitivo.

O Sr. Deputado Antonio José d'Avila disse na discussão do projecto n.º 8, que era vergonha que se apresentasse no tempo em que estamos um tal projecto por muitos e differentes argumentes que expendeu em grande parte fornecidos pelo governo. — São tres os fundamentos de querer Terreiro mercado exclusivo de cereaes: abastecer Lisboa de grãos, favorecer os lavradores, e evitar o contrabando; mas para nada disto servem os taes projectos.

Em todos os paizes do mundo, onde ha imprensa livre, não é preciso que se apresentem projectos de lei desta natureza, basta que se falle, ou questione sobre a intenção de se apresentarem para logo se discutirem as suas conveniencias em todos os jornaes, e logo o publico fica sem duvidas depois deste debate. Nesta nossa terra, em questão tão grave, como é tornar o Terreiro mercado exclusivo de cereaes, esquece-se a imprensa até do projecto do Sr. Moraes Soa-

res apresentado no Diario do Governo. Este estado desgraçado que se póde chamar vertiginoso, que se adquire principalmente em Lisboa, e que se perpetua sem difficuldades, descobre grande molestia social que suggere providencias tão desorganizadoras. E' necessario que toda a gente entenda, e principalmente os representantes do povo que em materia de tributos e subsistencias não se pódem improvisar leis, nem o reino póde supportar mais leis tributarias do que as que se lhe tem imposto. E' hoje sabido e conhecido que aquelles projectos não se pódem adoptar, nem póde haver a menor duvida que elles sejam ruinosos; mas como ha legisladores que teimam em fazer discutir projectos, a que o Sr. Avila chamou vergonhosos, é forçoso levar este assumpto a mais clareza para que não fique ninguem em duvida sobre a ruinda de dos projectos.

Darei mais clareza a alguns argumentes que produzi no meu artigo inserto no Lusitano de 10 de Maio passado n.º 186, — e emittirei outros novos que devem servir a dismantelar os projectos, e fundar doutrina de economia exacta, e verdadeira que se póde seguir sem receio de errar.

Em 1777 e 1779 Portugal e Hespanha tinham o monopolio das suas possessões d'America, indo-lhes das metropoles toda a farinha que consumiam; e por isso os excedentes de suas colheitas eram para alli conduzidos por altos preços, além de immensos cereaes que compravam a outras nações. Com a independencia das nações americanas perderam Portugal e Hespanha este grande commercio, do qual se apossaram os americanos do norte.

Desta perda resultou que o immenso excedente dos cereaes de Hespanha e provincias fronteiras é introduzido em Portugal em grande quantidade, sem que isto possa evitar-se, como se tem demonstrado; e mais extensamente mostrarei que são para este effeito infructiferas todas as leis que existem e se façam. Este excedente introduzido de Hespanha faz exceder muito os cereaes produzidos em nosso paiz em relação ao nosso consumo, e dahi vem a depreciação do valor; porque não ha medida possivel para evitar a barateza d'um genero qualquer quando no mercado ha uma quantidade superior ao consumo. Esta critica circumstancia para os proprietarios e cultivadores de terras ainda se agrava com os excedentes dos cereaes d'America do norte nos annos em que alli tem baixo preço, porque os introduzem em Portugal misturados com os cereaes dos Açores.

E' hoje acreditada como opinião unica, boa, e justa, que preços artificiaes são, além d'iniqos, destruidores do mesmo genero ou industria que se quer proteger, porque prejudica a communidade tributando-a em proveito de poucos, e vem com o tempo a arruinal-a, porque as pessoas honestas ou timoratas são as unicas que respeitam as leis; e os contrabandistas, desmoralisando, são os que lucram com taes leis, hoje



repellidas por sabios e nações que melhor entendem as regras da administração e economia.

Parece impossivel que ainda haja quem não conheça que o pão de cada dia ou de todos os dias deve ser barato, e se possivel fosse tão barato como a agua; mas a realisavel barateza se ha-de conseguir quando o pão ou os generos de que se manipula forem tão livres como o ar. Bem longe vai o dia de 4 de Fevereiro de 1773, em que uma carta de lei tornou em lei portugueza o verdadeiro e nunca assás louvado principio da liberdade de commercio, em quanto a cereaes, e alguns outros artigos, principio que hoje faz olhar Roberto Peel como um dos mais insignes homens d'estado dos nossos sofisticos dias.

Permitta, Sr. Redactor, que se transcreva o artigo 1.º daquelle lei para se vêr a illustração que possuam os legisladores daquelle tempo em comparação á que apresentam os de hoje.

1.º Mando que a respeito de todas as especies de grão, de legumes, de farinhas, de louças, de cal, de tejollo, de telha, de madeiras, de pedras, e de mós de moinhos que forem produzidos ou fabricados nestes reinos, se observem as leis e decretos com que se acham por mim favorecidos os moradores da minha corte e cidade de Lisboa; extendendo umas e outras a todas as terras das provincias, e comarcas do reino e do Algarve: Para serem livres de todos os direitos d'entrada ou sahida, de sizas, de imposições, de contribuições, de portagens, d'almoçarias, d'amostas; ou sejam conduzidos por carretos de terra, ou transportados por mar, ou por fozes nas embarcações proprias dos meus vassallos: Porque, sendo-o assim, passarão, e girarão livremente d'umas para outras provincias, e d'umas para outras terras, sem o menor encargo, ou embaraço algum: Debaxo das penas de suspensão até nova mercê dos magistrados, que qualquer, ou quaesquer direitos extorquirem contra o nesta ordenado; de perdimento dos officios aos officiaes de justiça ou fazenda, sendo proprietarios, ou do valor delles, sendo serventuarios; e de pagarem todos ou qualquer dos sobreditos contra o qual primeiro se requerer, annoveado ás partes o damno que lhes houverem causado. — Este documento importante de sabedoria demonstra tambem que em paiz como o nosso com falta de communicações faceis, deve por leis, como aquella facilitar-se o transito, a communicação e as transacções. E o que faz hoje uma legislação toda em sentido opposto, que torna o paiz mais incommunicavel!!! As leis de 24 de Janeiro de 1777, e 12 de Junho de 1779 que parecem contrariar o principio economico da lei de 1773 tiveram por fim remediar circumstancias de momento. Portugal, para abastecer suas colonias e as immensas embarcações que vinham a Lisboa fornecer-se, precisava d'uma sômma enorme de cereaes estrangeiros, era preciso attrahil-os, e o meio unico em commercio de conseguir valores, é a certeza de receber por elles os outros que lhe corres-

pondem, isto é, o dinheiro porque se trocam. Mas isto custava a fazer-se naquella precaria situação; por isso se creou a corporação dos vendedores do Terreiro, fiadores reciprocos uns dos outros, todos por um, e um por todos, e em falta total a fazenda real, evitando-se assim o prejuizo dos estrangeiros importadores de cereaes para garantia dos quaes foram essencialmente promulgadas aquellas leis, sendo este tambem o unico espirito dellas, não carregando imposição alguma directa ou indirecta aos cereaes, e só quizeram que o Terreiro fosse logar de venda, e nunca de deposito; pois que nem pela sua estrutura o pôde ser por não se poderem nelle padejar os generos, nem estes estar ensacados com demora porque se arruinam. Do que fica referido é evidente que as circumstancias que fizeram publicar as leis de 1777 e 1779 já não existem, nem tornam a existir, e por consequencia ociosas e nocivas em oppostas circumstancias são suas provisões, porque sendo de imperiosa necessidade e de boa politica que o pão de cada dia seja o mais barato possivel, isto sómente se pôde conseguir protegendo os proprietarios e cultivadores de terras, restabelecendo com amplitude absoluta a doutrina do artigo 1.º da carta de lei de 4 de Fevereiro de 1773, e modernamente a exemplo da lei britanica proposta por Roberto Peel, determinar-se por lei que todos os cereaes, legumes, e quaesquer generos farinaceos não sejam sujeitos a tributos de consumo, de portagem, de transito, ou de qualquer denominação que seja, exceptuando o tributo directo sobre a propriedade que os produz, isto é, que sejam absolutamente livres de imposições e vexames, e verificar-se sómente nelles a fiscalisação de salubridade, e esta mesma de graça, expedita, sem oppressão, demora, nem vexame.

Além desta legislação, sem a qual nada se ha-de conseguir de bom, é necessario promover a exportação: pois que sendo hoje a nossa situação a opposta á de 1779, que tinha em vista a importação, precisa d'outros remedios, e estes são á exportação; e tanto mais urgem estas medidas, por isso que em 1849 deve já entrar em execução, para aproveitarmos o mercado inglez, que com esse anno fica livre e aberto, sem tributo algum de consumo a todas as nações do mundo. Um dos meios que é indispensavel escrupulosamente empregar é, não haver a mais insignificante dificuldade em se dar os despachos para exportação; pois que a ser preciso licenças, informes, e as mais tracassarias, que se praticam, é impossivel, que o dinheiro estrangeiro se venha empregar em um genero, de que lhe podem embaraçar o uso com pretextos sempre, ou quasi sempre imaginarios, ou frivolos.

Outro, igualmente indispensavel, depende dos cultivadores e pessoas que intervem até ao embarque, e vem a ser, que o genero não tenha sementes estranhas, como ervilhaca, joio, aveia, cevada, hervilha, &c., nem area, nem terra, porque do contrario acontecerá o que teve logar ha poucos annos no trigo que

se exportou de Lisboa; que apesar de ser o mais sa-carino e saboroso só pôde vender-se em Inglaterra por vil preço e com difficuldade, por levar daquellas misturas. Outro meio é dar um premio a quem exportar certo numero de moios; até que se consiga acreditar os nossos trigos, porque depois elles serão procurados, e até preferidos, vista a sua superioridade de sabor, e até de nutrição, mas tal premio deve ser livre para qualquer pessoa, e nunca para individuo, e menos corporação especial.

Do que fica exposto, e principalmente dos artigos luminosos, que por varias vezes se tem inserido no Diario do Governo sobre reforma do Terreiro, nada mais seria preciso dizer para convencer até á evidencia, do que é justo e conveniente; porém em vista do projecto do Sr. Moraes Soares, forçoso é mostrar os seus inconvenientes com mais algumas considerações.

Nenhuma industria pôde prosperar sem pão barato. A especie humana não pôde ter boa saude, e multiplicar-se vigorosa sem pão sufficiente e bom; e para nesta proporção e qualidade o terem, é preciso ser barato. Não se podem fazer estradas, semear matas, ter fabricas, principalmente em Lisboa, sem que os jornacs sejam modicos, e estes não podem ser modicos sem que o pão seja barato.

Para que o pão seja barato, sem que essa barateza faça abandonar a cultura, é preciso que não pagúe tributos, nem soffra vexames que tambem são tributos, e ás vezes mais daninhos do que elles, exceptuando o tributo sobre a propriedade. A agricultura deve ser protegida, mas não á Junot, pondo-lhe novos tributos aos seus productos, e estes aggravados em methodo, sempre variavel, e por isso muito mais vexatorio e aniquilador, como succederia, se fosse adoptado o projecto do Sr. Moraes Soares.

Cada alqueire de trigo já paga de decima, addicionaes, e sellos, pelo menos 45 réis.

Para as camaras na maior parte dos concelhos 20 réis.

Para as congruas, expostos, juntas de parochia, &c., 20 réis, o que somma em 85 réis.

Em carretos para se conduzir a Lisboa o trigo do Alemtejo, tomando despeza media, 80 réis por alqueire; o que faz 165 réis: juntando-se, como quer o Sr. Moraes Soares, 11 e meio por cento do valor em Lisboa, que calculado a 400, são 46 réis, mais 5 réis d'emolumentos faz 51 réis, que juntos aos 165 réis supra, monta a 216 por alqueire, que abatidos de 320, ou mesmo 360 réis que se possa obter na venda pelo trigo, fica apenas para o cultivador — 144 réis por alqueire: de que ainda ha que deduzir o lucro, de quem o vai comprar ás provincias, resultando que ao lavrador não vem a ficar mais de 100 réis por alqueire; e como na actual colheita se está pagando a cada ceifeiro por dia 400 réis, não ceifando o melhor trabalhador mais d'um alqueire de semente por dia; e não rendendo o dito alqueire de semente mais de 6

alqueires, vem o cultivador a pagar só pelo corte de trigo 66 réis por alqueire, que deduzidos dos 100 réis, que lhe ficam livres dos tributos e carretos, só lhe restam 34 réis por alqueire, para pagar a lavoura, sementeira, monda, debulha, &c.: do que resultará irremissivelmente arruinar-se, ou abandonar a cultura. É nesta desgraçada situação que se projectam mais onus, mais tributos, mais vexames, e encalhes sobre cereaes!!!!

Excellentes cousas são sociedades agronomicas se forem filhas de patriotismo, voluntarias, e graciosas, porque aliás serão um mal de mais, sendo causa de mais tributos e embaraços. Monte pios ruraes antiga instituição portugueza é; mas em que estado existem? Os celleiros communs de Beja, Evora, outr'ora o de Alcacer, que fim levaram, e os que existem, em que estado se acham? E quaes as causas?

Vamos aos empréstimos com juros... Na secretaria dos negocios do reino existem desde antigos tempos grande numero de maços de requerimentos em que os lavradores do Ribatejo pediam aos reis emprestimos, e perdões das rendas das Lezirias, ora invocando as inundações destruidoras das sementeiras, ora a destruição das searas pela polvarinha, morrão e outras causas de esterilidade. De 1821 a 1824 e em annos muito anteriores se fizeram empréstimos não com juros, mas graciosos; e de 1821 a 1824, além d'empréstimos sem renditas, se lhes adiantaram sobre cereaes dois terços do valor destes no momento do empenho, mas disto seguiu-se o que sempre ha-de acontecer, se tornar a praticar-se em Lisboa, que foi os generos arruinarem-se, e depois na liquidação não terem os proprietarios que receber, e muitos terem de restituir: de fórma que dessa decantada vantagem resultou aos lavradores, que com ella foram tentados, perderem a terceira parte do valor dos cereaes que empenharam; além da perda do tempo pelo abandono dos seus trabalhos agrarios, para virem a Lisboa fazer tão nociva transacção: e os que receberam empréstimos de nada lhe aproveitaram, e só foi causa de muitos perderem os seus estabelecimentos, bem como seus fiadores, e a nação o serviço de homens, que, sem taes empréstimos haviam de continuar a trabalhar e ser uteis, e não ser onerosos á comunidade.

Perguntado um ex-ministro d'estado de 1833, sobre o que fôra feito do emprestimo de 500 contos que neste anno se fizera aos lavradores do Ribatejo e Alemtejo? Respondeu — que sempre se tem arrependido de aconselhar aquelle emprestimo, que quasi todo se consumiu improductivamente em jantares, funcções, compra de trastes, &c. &c. — Perguntando-se a outro ex-ministro d'alta capacidade o que entendia dos empréstimos feitos aos lavradores. Respondeu. — Não é necessario consultar a historia do nosso paiz, nem fazer longa desmonstração para chegar nesta materia a conhecer a verdade. Bastará dizer, que o lavrador do nosso paiz, que pedir dinheiro emprestado a 5 por

cento, que é o mais modico que se encontra hoje, ficará em pouco tempo arruinado!!

Apresentarei uma auctoridade maior, vinda de França e colligida da Revista N.º 28 de 15 de Junho passado a folhas 328. Ahí, relatando-se o projecto gigantesco de animação d'industria, e melhoramento da classe operaria, diz-se sem mais dissertação, nem razões. — Não se trata dos trabalhadores e estabelecimentos agricolas. — E daqui já se vê também que em França são difficeis estas associações agricolas, nem se projectam tendo interesses communs com sociedades industriaes, como pertende o Sr. Moraes Soares, querendo promover com a do seu projecto encanamentos, pontes, estradas, &c.!!!

Do exposto é certo e indubitavel que tendo havido só desordens e ruinas com imprestimos graciosos, que se tem feito aos lavradores; as mesmas desordens e em mais curto prazo devem vir-lhes se obtiverem emprestimos, e adiantamentos com juros na epoca actual a mais desastrosa, que tem vindo neste seculo ao nosso paiz, e que se apresenta cheia de prestimentos funestos. Já em um longo artigo da Revista mostrei em que consistia a desordem, e embaraços da lavoura do Riba-Tejo; e também depois (ha dois annos) n'um jornal politico em tres ou quatro artigos expliquei a influencia que tem as moedas fracas, e depreciadas nas industriaes e commercio do nosso paiz. Estas e outras doutrinas, que gente mais illustrada do que eu poderá expender aos lavradores, é que lhes poderão dar os verdadeiros conhecimentos de seus interesses, e dos embaraços que soffre a agricultura e industriaes. Srs. lavradores e representantes delles, que tendes a peito e promoveis os seus interesses é necessario estudar estas questões mui seriamente, e não lançar a Deus e á ventura projectos de consequencias desastrosas e complicadas difficuldades. E' necessario dizer ao Sr. Moraes Soares que os embaraços d'agricultura, e de todos os ramos da prosperidade publica não nascem das causas, que elle indica, mas d'outras muito conhecidas e patentes. Não admira por isso que o Sr. deputado apresentasse um projecto sem bases solidas fundadas nas conveniencias dos lavradores e da capital; sendo inconveniente e inadmissivel.

Quanto a querer-se o Terreiro para deposito.

Improvisar e decretar depositos de generos, quaesquer que elles sejam, não custa a escrevel-o, mas verificá-los ou conseguir realisá-los é difficil, e só se consegue concorrendo circumstancias que por ora não existem em Lisboa relativamente a cereaes.

Para d'uma cidade, ou porto se fazer ponto de deposito, como Lisboa o foi de generos chamados coloniaes, e daquelles que nas suas colonias se consumiam, é preciso que exista a certeza de consumo com beneficios para o capital empregado nesses generos, porque aliás com as repetidas perdas, que tal falta produz, por si se aniquila o deposito; porque só é possivel que loucos sejam commerciantes de taes depositos.

Appliquemos esta regra aos cereaes. A experiencia de 1834 e 1835, em que uma lei fez de Lisboa não só deposito, mas ainda mais, porto franco, que produziu? A ruina dos cultivadores portuguezes, e a dos especuladores, que mandaram cereaes ao porto franco de Lisboa, aniquilando os preços pela superabundancia de taes generos, pela deterioração delles, effeito do limitado consumo, que é sómente o da cidade, consumo que diariamente diminue, já pela miseria crescente da povoação, em quanto a trigo, porque esta miseria faz consumir milho, centeio, cevada, favas, batatas, &c. em lugar do preferivel pão de trigo, mas também em quanto á quantidade; porque é tal a situação da maior parte da gente de Lisboa, que não tem com que obter a sufficiente quantidade de pão que precisa, para conservar a existencia vigorosa e sã. Além da falta de consumo lucrativo, para attrahir os cereaes a deposito em Lisboa, ha outra causa não menos repellente, que é a má collocação dos armazens em que se alojam os cereaes. Todos estes armazens na margem setemptrional do Tejo são encostados, ou proximos a montes que os privam do vento norte, recebendo por consequencia sómente o sul com suas emanações salinas, por passar immediato a elles por cima d'agoa salgada, as quaes sendo absorvidas pelos cereaes, que são corpos absorventes, faz que fermentem, em a athmosfera sendo quente e com nevoas, e então arruinão-se irremissivelmente; de forma que trigo que nos paizes do Norte, e mesmo nas nossas provincias se conserva são dous e mais annos, em Lisboa por mais cuidados que haja pouco deixa de fermentar e arruinar-se entrando o mez de Agosto e Setembro com os seus nevoeiros. Penso que o Sr. Moraes Soares não sabe o que acabo de expór sobre a fermentação dos cereaes nas tercenas e alojamentos na beira do Tejo, porque se o soubesse não inculcaria o Terreiro para deposito, que por outras razões o não póde ser pelo que fica expellido. Do exposto também fica desvanecida a mal fundada esperanza que alguns proprietarios de tercenas tem concebido, de que o restabelecimento do Terreiro exclusivo e deposito de cereaes, podia dar valor ás mesmas tercenas, o que é impossivel; e por isso podem debater e fazer circular as doutrinas que expendo, que, ainda sabidas de pouca gente, não são ignoradas dos especuladores e commerciantes de cereaes, porque se as não soubessem se arruinariam. E' principalmente necessario dizer aos nossos lavradores o que dizia Columella aos Romanos. — Não vos queixeis da infecundidade da terra e intemperie do ar, mas da falta d'applicação dos verdadeiros principios d'agricultura. —

Hoje é indubitavel que é mais prospera a agricultura, onde os agricultores são mais instruidos. Sei também que me dizem que os paizes que não tem faças caminhos para se fazer o transporte não podem prosperar, ainda que se adiante e prospere a sua agricultura. Mas eu respondo, que não é este inconveniente

niente que estorva os lavradores do Riba-Tejo de venderem os seus generos, porque os trazem melhor do que todos os outros aos mercados nas margens do Tejo por agoa, o que junto a ser o seu trigo de melhor qualidade e mais procurado, faz com que não possam os lavradores d'outras terras competir com elles, principalmente na venda do trigo. Estas razões são de maior força para demonstrar, que são os lavradores do Riba-Tejo os que menos precisão de Terreiro exclusivo, de caixas economicas, como as do projecto do Sr. Moraes Soares. A principal riqueza dos lavradores do Riba-Tejo deve ser a creação de gados, e a produção de manteiga e queijo, porque destas produções e outras muitas que dellas provem, tirarão lucros infinitamente maiores do que da cultura de cereaes. E' necessario ter constancia, e perseverança para mudar em parte as culturas.

Póde-se cultivar cereaes, mas deve-se ao mesmo tempo tratar de grandes sementeiras de fenos e plantas tuberosas, principalmente dos nabos do norte, das cenouras, beterrabas e batatas, de que se devem fazer depositos em covas ou subterraneos para sustentar constantemente os animaes. Nem se diga que isto se não póde fazer; porque se faz em muitos paizes menos apropriados para isso do que o nosso. Quem póde ter grandes depositos de plantas tuberosas, de fenos, e palhas, terá tambem muitos animaes; muito principalmente havendo terras altas que no inverno produzam herva que se misture com palha aos animaes, que muito nutrem e gostam desta mistura. E' necessario tambem acabar o vandalismo das edades remotas de trazer sempre o gado em montados, exposto ao rigor do inverno, sem soccorro algum. As campinas que assim sustentam o gado produzirão fenos e pastagens em maior e melhor qualidade, e para sustentar maior numero d'animaes se forem cultivadas. Trazer gado sempre exposto á estação do inverno sem lhe aproveitar os estrumes tão necessarios á agricultura só se pratica em paizes muito atrazados e miseraveis. Custa a sahir destas rotinas, mas é forçoso sahir, e primeiramente o Riba-Tejo que tem os melhores e mais felizes meios que lhe dotou a natureza. Quando ha facil communicação, e mercados onde se levem os productos, devem-se cultivar aquelles de que o lavrador tirar mais interesse e utilidade. Esta doutrina exige maior desenvolvimento que poderá dar-lhe a gente de intelligencia e instrucção para que se comece nova vida de lavoura, que sendo seguida por homens illustrados será facilmente adoptada por todos os cultivadores do Riba-Tejo.

Do que fica exposto parece que se poderão tirar as seguintes conclusões.:

1.<sup>a</sup> Que os projectos n.º 8 e o do Sr. Moraes Soares em lugar de dar interesses á fazenda, dar-lhe-hão perdas, porque está demonstrado em documento official dos distribuidos pelo governo aos Srs. deputados que ha tres annos que o Terreiro é mercado livre, tem

despachado mais 27000 moios, do que em igual tempo, quando o mesmo Terreiro era exclusivo.

2.<sup>a</sup> Que aquelles projectos, tendo por fim encarecer os cereaes sómente em favor de alguns especuladores de Lisboa, e poucos amigos seus, lavradores do Riba-Tejo, impõem ao governo um tributo grande na compra do pão, que elle paga para sustentar a Casa Pia, Hospital de S. José, Misericordia e outros estabelecimentos que vivem da caridade.

3.<sup>a</sup> Que aquelles projectos em lugar de fazer diminuir a despeza publica e aliviar de tributos, darão em resultado augmentar o pessoal dos empregados do Terreiro, o contrario do que se deve fazer, que é extinguil-o e ficar (em quanto os cereaes pagarem o imposto) a cargo, em sendo uma das repartições das Sete Casas o despacho delles, sendo o Terreiro sómente mercado para quem quizer vender, e recolher cereaes.

4.<sup>a</sup> Que tornando-se por aquelles projectos caros os cereaes, virá um tributo mais pesado sobre a maior parte da povoação de Lisboa, que além do imposto que lhe tocará pagar pelo pão que consumir, pagará outro, o do pão, pelo menos consumido por um terço da mesma povoação que vive de empréstimos, calotes, e esmolas da povoação mais abastada, que é a que o paga.

5.<sup>a</sup> Que o encarecimento do pão por aquelles projectos torna mais incommoda, e insoffrivel a sorte dos artistas, fabricantes, e suas familias que não tem nos diminutos salarios meios de viver commodamente, tornando-se tambem suas obras e artefactos mais caros, e sem poderem competir com os estrangeiros.

6.<sup>a</sup> Que os mesmos projectos obrigando a despacho no Terreiro todos os cereaes, tornam impossivel ou desvantajosa em Lisboa a venda dos cereaes do termo da mesma cidade, que virão em carros por máus caminhos, e tambem os do Além-Téjo, que são mais caramente conduzidos, o que é impossivel determinar-se em vista da constituição e das leis que não toleram taes desigualdades.

7.<sup>a</sup> Que os projectos indicados sendo insufficientes, contradictorios e vexatorios, em lugar de dar prosperidade á agricultura a intorpecerão se forem adoptados.

8.<sup>a</sup> Que sendo os projectos um meio de tornar caros os cereaes, não só pelos direitos avultados que se lhe querem impor, mas principalmente pela fiscalisação, guias, e embaraços que se lhes porão em todo o termo de Lisboa até chegar ao embarque para exportar, é evidente que se tornarão mais caros e improprios de se exportar por não poderem competir com os outros cereaes estrangeiros. Desta sorte ainda que não paguem direitos, virão estes embaraços a tornal-os improprios de exportar, mal grande que dará enormes perdas.

9.<sup>a</sup> Que o projecto do Sr. Moraes Soares é extravagante e imaginario na combinação de animação de agricultura com a de industria, de canaes, pontes, e estra-

das, porque a agricultura só será afirmada quando os lavradores forem instruidos de seus interesses, e da sociedade, e quando as leis os protegerem sem que lhes ponham estorvos.

*Pereira Brandão.*

## ZACUTO LUSITANO.

JORNAL SEMANAL DE MEDICINA E SCIENCIAS  
ACCESSORIAS.

Nenhum paiz da Europa infelizmente é mais pobre de sciencia do que o nosso; a vida intellectual em Portugal é apenas perceptivel em duas ou tres cidades, o resto da nação, não estuda, não pensa, não escreve senão para si.

Nestas cidades mesmo a maior parte dos conhecimentos humanos, os mais importantes, aquelles que teem applicação immediata, são apenas conhecidos pelos que frequentam as escolas superiores: não se diz delles uma só palavra nos liceos, não se dá uma unica noção no ensino primario. E' esta uma das causas principaes do nosso estado de prostração social; a sociedade não pôde viver sem idéas, como o corpo não pôde viver sem espirito.

As sciencias medicas não são, apesar da existencia de algumas sociedades especiaes, uma excepção a esta desgraçada verdade; os nossos medicos, se em grande parte conhecem o estado, em que se acha actualmente a sciencia, nem por isso teem feito descoberta alguma importante, nem aperfeiçoado nenhum ramo dos conhecimentos, nem dado contingente algum para o progresso que possa para o futuro ter um lugar na historia da sciencia.

Não fazemos com isto uma accusação a ninguem, notamos apenas um facto; facto que tem origem n'um immenso numero de circumstancias desastrosas, que a força unica de individuos isolados não podia vencer.

A intelligencia do paiz não está com tudo morta: o mal não é incuravel. Os jornaes, as assembléas, as discussões, podem ainda animar ao trabalho os homens que pensam, desenvolver a actividade dos individuos estudiosos.

Acaba de sahir á luz o primeiro numero de um jornal medico, cuja appareição deve ser saudada por todos os que desejam os progressos scientificos do nosso paiz. A sua indole critica, que se revela pelo seu primeiro folhetim, faz esperar que este jornal irá acordar do seu lethargo mortal muitas dessas instituições que entre nós são immoracs por indolencia, criminosas por incuria, prejudiciaes e fataes por ignorancia. A critica exercida severa, e gravemente sobre os homens de sciencia dá-lhes força, obriga-os a estudar, anima-os á lucta que é a origem de todo o aperfeiçoamento. A solidariedade dos ignorantes, a associação de charlatães, que se encobrem uns aos outros os defeitos e os

vícios, é a mais perigosa das conspirações que se pôde tramarmos contra a sciencia. Em quanto a discussão se não levanta franca, sincera, violenta mesmo se é necessario, não se pôde esperar conhecer a verdade das cousas, nem auxiliar os homens como elles são.

O *Zacuto* considerado só como jornal critico é digno da consideração publica; e pôde fazer serviços valiosos ao paiz. Aconselhamos sinceramente aos seus redactores que se não deixem prender com os laços mesquinhos dos interesses individuaes; que façam justiça ás cousas sem curarem das pessoas.

Não se pense porém que o *Zacuto* é apenas um jornal critico; a sua parte mais importante, segundo se pôde deprehender do primeiro numero que temos á vista, é puramente scientifica.

Neste numero occupa o primeiro lugar a introdução de um artigo de litteratura medica, cujo objecto é a analyse das obras do *Zacuto Lusitano*, judeu portuguez, notavel e citado entre os primeiros do seu tempo na historia da sciencia, que viveu em Lisboa no fim do seculo decimo-sexto.

O seculo XVI era ainda dominado pelo duro e tyrannico principio da auctoridade, apesar da lucta terrivel da reforma; a emancipação da razão começava apenas, e a sciencia achava-se ligada á palavra dos antigos que procurava interpretar, e explicar, e onde se exforçava em vão ás vezes para achar os germens de todas as verdades novas. Bacon não tinha ainda pelo poder do seu genio derrubado a escolastica, e creado assim a physica e philosophia, reformado profundamente as sciencias, e dado um impulso immenso á razão humana. Por isso esse seculo não formou theoria alguma nova, não applicou a synthese a nenhuma sciencia a não ser á astronomia, que se achava mais desenvolvida do que as outras.

Este seculo porém foi fecundo em observações, foi rico de trabalhos importantes, que serviram de base ás grandes descobertas do seculo seguinte. A theoria da circulação do sangue de Harvey teve principio nos trabalhos de Fabrizio d'Aquapendente sobre as valvulas das veias, e nos dos celebres anatomistas Colombo e Cesalpino, que ambos descreveram a pequena circulação, e adivinharam vagamente a circulação geral. A theoria astronomica de Galileo, a sua descoberta do movimento acelerado, dos satelites de Jupiter, do anel de Saturno, das fases de Venus e dos movimentos deste planeta, nasceram dos trabalhos de Copérnico e dos outros astrónomos do seculo XVI. Os progressos que fez a chimica no seculo XVII foram devidos ás descobertas do celebre Paracelso feitas anteriormente.

Foi no seculo XVI que a medicina e as sciencias que com ella teem ligação deram um grande passo. Berengueiro de Carpi deu o primeiro golpe aos falsos principios de Galleno: e Vésalo acabou por uma vez a sua influencia sobre o estudo da sciencia. Eustaquio e Fallopio, successores de Vésalo, publicaram os seus trabalhos, o primeiro sobre anatomia comparada e so-

bre o orgão da audição, o segundo sobre a osteologia do feto.

O pae da cirurgia, o illustre Ambrosio Paré, viveu neste seculo, Argentier escreveu nessa epoca tambem os seus trabalhos de phisiologia, Gessner, Aldrovandus, e Olaus Magnus, fizeram os primeiros trabalhos serios em zoologia, que se encontram nos tempos modernos: trabalhos cheios de erros, e de absurdos, mas que merecem apezar disso um logar imminente na historia da sciencia.

Este seculo brilhante sobre todos na historia de Portugal foi nas letras e nas sciencias illustrado pelos nossos Pedro Nunes, Garcia da Horta, Costa, Rodrigo de Castro, Camões, Gil Vicente, &c. Zacuto tambem nelle floreceu; e a sua historia é uma desgraçada historia, como a de todos os homens de talento desse tempo em que Camões espirou n'um hospital, Vésalo morreu de fome, e Servet foi devorado pelas chamas.

O auctor do artigo ácerca do Zacuto no novo jornal de medicina ainda não começou a analyse dos trabalhos e idéas do velho e illustre medico portuguez. Nesta primeira parte acha-se apenas nma historia rapida da sua vida, e uma analyse filosofica das difficuldades e prejuizos com que elle teve a lutar, e que o obrigaram a expatriar-se e a ir offerecer as suas obras a um rei estrangeiro ao rei de França.

Nós sentimos ver interrompido este artigo ácerca do Zacuto; porque intendemos que a sua publicação completa no primeiro numero do jornal era uma cousa exigida pelo seu titulo que satisfazia as conveniencias de publicações desta natureza, e dava desde logo uma explicação cabal e completa da sua existencia. E' sobre tudo notavel esta falta n'um jornal, que não apresenta introdução nem programma, e que deixa os leitores incertos sobre o seu futuro, o seu pensamento, a sua forma, que tudo é preciso concluir por indução.

O primeiro numero do Zacuto traz alguns trabalhos importantes de clinica medica; e noticias scientificas que o tornam interessante.

Desejamos um bom futuro ao novo jornal; porque avaliamos em muito a sua utilidade, e influencia nos progressos das sciencias medicas e naturaes em Portugal.

João de Andrade Corvo.

### CHRONICA.

E' mister sahir de vez em quando dos campos doentios da critica e da murmuração — porque o imperio da chronica não tem limites, nem lhe está vedado mais que os becos da politica, e os castellos roqueiros da vida privada.

Hoje levaremos (aliás convidaremos) os nossos lei-

tores aos floridos e rescendentes prados artificiaes da oratoria.

E saibam que é um espectaculo raro, — mesmo aqui na capital; neste ponto parece que estamos na provincia! Se quizermos dar uma noticia verdadeiramente scientifica, litteraria, e sobre tudo oratoria, se formos á academia das sciencias, não se faz alli nada com a porta aberta, e apenas nos consta que uns tantos sabios se reúnem lá ás quartas feiras, pelo que recebem uma téca menos má, mas ignora-se o que fazem tão secretamente; — se vamos aos tribunaes, rara é a causa celebre que ali apparece, e os mais dos advogados são uns massadores insupportaveis; — os pulpitos estão desertos, pois exceptuando uns dois ou tres prégadores que ainda temos, os mais são uns « canastras » tão caturras que é uma lastima; — o Gremio não abre os cursos nem faz sessões; — a Liga está ainda muito balbuciante, — aonde é pois que havemos de ir buscar noticias oratorias? Pois já não ha oradores nesta terra? Ha sim senhores — temol-os nas cortes.

Pois vamos lá.

E devemos ir — quando meia Lisboa corre para S. Bento, a chronica, que tanto lida por ser bem chocalheira, e boa estaffeta de novidades para as provincias, não deve ficar silenciosa sobre este ponto.

Como escripta em jornal exclusivamente litterario, não emittirá nenhum parecer, louvor ou censura ácerca da opinião politica dos oradores, nem das suas conclusões; « simples e unicamente » enunciará a chronica, o merito oratorio dos discursos proferidos na camara electiva durante a ultima semana, que será, por assim dizermos, uma relação analytica dos que fallaram, quasi pela ordem em que os ouvimos.

O Sr. Antonio da Cunha, jornalista politico. Deste orador se pôde dizer o que escreveu Cormenin quando retratou no *Timon* o duque de Fitz-James: *Est simples jusqu'à la trivialité, et metaphorique jusqu'à l'enflure; c'est qu'il a plus de naturel que d'instruction, et plus d'esprit que de gout.* Outra paridade com o duque de Fitz, é que o Sr. Cunha tem uma phisionomia, uns ares, e o trajar mesmo de um fidalgo, mas quando abre a bocca tem a soltura, a audacia, e a expressão do mais arrojado plebeu. Por esta razão é que elle é hoje o orador da camara de quem o povo mais gosta, o que lhe provoca mais hilaridade, e de quem mais falla. Se existisse ainda a parteira que cortou o freio áquella lingua, seria esse o original que apontariamos ao Sr. Balaca, para satisfazer ao pedido que elle nos faz na carta supra.

Ainda ninguem veiu ao parlamento pôr em pratica tão exageradamente este canon do pintor e mestre dos oradores parlamentares: *On pourra se servir de figures communes, de maximes proverbiales, de termes bas et vulgaires, pourvu qu'ils soient expressifs. Ce que le discours perdera en sobriété et en convenance, il le gagnera en sincerité et en énergie.* Todavia o Sr.

Cunha despreza de mais as conveniencias, é prodigo nas exagerações, irrita-se descompassadamente, e é por isto que ás vezes perde a voz e o logar ao mesmo tempo; e quasi sempre corta o discurso além do ponto em que devia terminar, para colher o resultado dos effeitos que na verdade produz a sua singular e impetuosa eloquencia.

O Sr. visconde de Castro, orador já bem experimentado em ambas as casas do parlamento, attrahe os ouvientes pelo ar risonho e sereno da sua phisionomia, pela suavidade da sua voz, e pela correnteza e rigor da expressão. Como o mais exercitado estadista que tem o actual gabinete, o seu discurso teve realmente o cunho de uma replica ministerial, copiosa e grave: entre tanto conservou sempre uma tal tranquillidade, e tão pouco movimento dos affectos, que não affinou bem com a valentia das recriminações feitas ao governo.

O Sr. Silva Cabral, advogado e jornalista politico, tem uma presença arrogante, o parecer carregado e duro, a voz cheia e vibrante, porém pouco melodiosa. Sem avaliarmos a veracidade e rigor dos tópicos do seu discurso, diremos lealmente, que tanto na traça, como na divisão e exposição oratoria, foi um dos mais notaveis que alli ouvimos. Se o tivesse abrilhantado com os similes e metaphoras que ministra a historia, a poesia e as sciencias naturaes (em que nos pareceu inteiramente ignorante pois lhe não occorreu nenhuma figura em tanto tempo que fallou) seria um discurso politico para se emparelhar com os melhores de Mirabeau, de Berreyer, de Dupin, Guizot e outros. Ha muito tempo que não vemos um orador subjugar por tantas horas um auditorio tão numeroso, tão variado, e em que até as senhoras se esqueceram da hora de jantar!

O Sr. Corrêa Caldeira, doutor em direito, é de presença nobre e sympathica, tem voz clara e sonora, mas é tímido a orar, percebe-se que não está senhor de si, e por isso o seu discurso posto que sensato, decoroso e matizado de muitas considerações politicas bem trazidas, foi friamente proferido, e produziu pouca impressão.

O Sr. Pereira dos Reis, escriptor e jornalista politico, é o que melhor cultiva e sabe a lingua portugueza daquellas portas a dentro, e por isso, mais discreta e parcamente que o Sr. Antonio da Cunha, observa aquella regra oratoria de Cormenin que acima transcrevemos. As suas metaphoras são mais jocosas que picantes. Tem um ar muito prasenteiro, e conhece-se-lhe nos olhos (pelos quaes falla mais que outros muitos pelos cotovellos) que tem visto bem por dentro e por fóra este mundo portuguez. . . O seu discurso exposto com uma correção e estudo notaveis, tinha com tudo um cunho academico de tanto lavor historico e litterario, que a maioria do auditorio admirou-o sem o comprehender. Quando se expõem na galleria popular quadros daquelles, deve-se-lhes metter mais

luz, e essa tira-se das apostrophes, das epistrophes, das ethopéas, dos epiphonemas, e das outras tintas rhetoricas não menos vivas, que devemos ir tomar á palheta de Quintiliano e seus successores. Será talvez pelo pouco estudo dos grandes modelos da eloquencia, que nós achamos tão poucos movimentos oratorios nos nossos oradores parlamentares?

O Sr. Rebello da Silva, escriptor e jornalista litterario e politico, se tivesse mais presença e melhor pulmão seria o primeiro orador da camara. Todas as façanhas do talento temporão, que recopilou Fillassier no seu dictionario, quasi que as vemos juntas no Sr. Rebello. Nós que o temos tido muitas vezes pela prôa nas luctas verbaes, conhecemos-lhe a tempera, sabemos que qualquer dos seus repellões oratorios é como se fosse um bote da espada de Laertes; o que não sabemos, o que não sabe ninguem, é até onde chega aquelle abismo de recursos intellectuaes. Por isso não nos pareceu, como a alguém, optimo o discurso que lhe ouvimos ultimamente, excepto na parte tocante á Italia; tudo o que dahi para diante se lhe seguiu foi esmorecendo, a ponto de perder aquelle brilhante colorido que tanto realce dá a todas as suas composições. Não lhe faltarão occasiões mais propicias.

O Sr. Fontes Pereira de Mello, official de engenharia, posto mostre nos seus discursos instrucção e intelligencia, tem a voz muito sumida, profere com muita precipitação e secura, faltam-lhe os movimentos oratorios, e não emprega nenhum recurso para captar a attenção do auditorio. Estes reparos intendem-se applicados ao seu ultimo discurso, no qual entre tanto havia trechos de muito primor, e rasgos do seu incontestavel talento.

O Sr. Lopes de Lima, jornalista politico e escriptor historico, tem grande desassombro no fallar, muitas letras, e uma memoria prodigiosa: costuma porém olhar muito para o tecto, e fechar amiudadas vezes os olhos, o que dá uma apparencia de pouca expontaneidade ás suas orações. A voz é desagradavel, e nos gestos mostra demasiada sobrançeria e austeridade. O discurso que lhe ouvimos, na parte relativa ao aproveitamento das nossas possessões ultramarinas, revelou bem o fructo dos seus estudos ácerca desta importante parte da monarchia, e foi tratado com a devida clareza e concisão parlamentar. A citação que fez de Sá de Miranda, pôde-se oratoriamente tomar como uma feliz censura aos adversarios, e como uma sentença de excellente adorno para o discurso.

O Sr. Agostinho Albano, medico, jornalista litterario e escriptor financeiro, é um dos oradores mais scientificos e lidos da camara: todavia a sua voz mui debil, a diffusão dos seus discursos, e a especialidade em que sempre falla, faz com que em menos de cinco minutos se despovôe a camara e as gallerias, com tal rumor e precepitação, como n'uma praça quando de subito cae uma grossa batéga de chuva de pedra! Com tanto saber, mas sem nenhum dos dotes

oratorios, S. E. devia abster-se de fallar, apresentando por escripto os seus magistraes discursos. O que lhe acabamos de ouvir, apologetico, tanto defendendo o seu tribunal, como os seus titulos scientificos, pareceu-nos achacado de muitas impropriedades.

O Sr. Assis de Carvalho, lente da escola polytechnica, falla com clareza, mas de fórma e modo, que parece que está explicando uma lição; por isso é monotono e frio de pedra. Tem com tudo alguns rasgos de franqueza e lisura que lhe imprimem caracter. As suas metaphoras, sempre triviaes, são ordinariamente mal trazidas, e de pouco effeito. No discurso theoretico que proferiu na resposta á falla do throno, todos estes senões lhe notámos.

O nobre marechal duque de Saldanha é, pela sua presença magestosa, pelo seu ar e gestos não de duque mas de príncipe, pelos seus estudos e pericia, e tambem pela sua voz cadente e melillua, um dos nossos homens de estado que mais partes de orador perfeito reúne e faz valer. Foi esta uma das razões porque no dia que elle tinha a palavra, as galerias se povoaram como poucas vezes, tanto de homens como de senhoras, da mais escolhida sociedade de Lisboa, incluindo o corpo diplomatico em pezo.

E notaremos de passagem, que nesta memoravel discussão, os Srs. duque de Saldanha e Silva Cabral disputaram ao Sr. R. da Fonsêca Magalhães o privilegio que elle tinha na camara semelhante ao do padre Vieira em S. Roque, do qual diz o nosso jovial classico F. Manuel de Mello, que em se senhas a que elle prégava, já toda a fidalguia mandava logo de madrugada lançar tapete na igreja, que tanto era o concurso, e a sollreguidão para ouvil-o! Observaremos agora, que esta affluencia provirá talvez do marechal ser ministro, e do Sr. Cabral já o ter sido — mas o Sr. Rodrigo da Fonseca, ou esteja no poder ou na poda (perdoem-nos o gongorismo que é pittoresco) arrasta sempre o mesmo concurso. Oh grande poder da eloquencia!

O illustre marechal com effeito fallou bem, mas não satisfz á expectativa do auditorio. Perturbado pela falta dos apontamentos que havia tomado, deixou o seu discurso incompleto, e faltou ao nexo que a boa deducção de uma réplica exige. Vimo-lo mais arrogante do que tolera a lhanza do seu caracter, e mais irado do que comporta a benevolencia do seu coração. O pungente porém das accusações pôde justificar estes desvios do seu theor de orar. Na sua falla todavia houve um rasgo da mais alentada eloquencia, que só elle bastava para constituir um discurso completo. Foi o emprego das duas mais audaciosas figuras de rhetorica — a ellipse e a emphase — que obrou este prodigio. A indole exclusivamente litteraria deste jornal nos inhiibe de a declararmos aqui para perpetua gloria do orador: só podemos dizer, que por mais de cinco minutos durou em toda a sala o ruidoso effeito deste soberbo lance do discurso do marechal. — signi-

lhava a repercussão prolongada de um tiro de peça d'o mais reforçado calibre! Houve quem tachasse este toque magistral, de peccar contra o preceito « *de se parce et modeste* » embora, aquellas historicas emphasis de Annibal a Scipião, e de Cicero a Verres, não se consignaram nos livros da oratoria se não para se usarem.

Mr. Vitry, o juiz conservador dos dentes masculinos e femininos dos habitantes de Lisboa, vai publicar um novo livrinho sobre a conservação e esmalte destes bemaaventurados do céu da bocca. Em nós terá sempre um assignante effectivo, porque achámos mui proficuo o seu tractado da *medicina dental*, offerecido a El-Rei. Aconselhamos-lhe que o adube tambem com graciosas poesias, e galantes aneddotas, cousa que tanto realce deu ao antecedente.

Gostamos deste Mr. Vitry, porque realmente tem dedo para a sua arte. Todos sabem, que entre as qualidades do bom medico, se lhe requerem (á cabeceira do doente) as de ser — gracioso e mentiroso. A Mr. Vitry nem estas lhe faltam. Para prova, eis aqui uma aneddotica historica, por cuja veracidade temos quem responda.

Em um dos bellos dias do anno proximo passado, entraram em casa de Mr. Vitry

« Duas mimosas donzellas,  
Taes, que a serem tres, seriam  
De Venus as filhas bellas; »

a quem monsieur recebeu com a parisiense etiqueta e afabilidade que tanto o tornam amavel. Acabados os cumprimentos, a mais nova, toma a palavra sobre a materia, mas com tal acanhamento e mastigação, que o nosso joven dentista não lhe entendeu palavra! Ella envergonha-se, torna-se, n'um ápice, vermelhinha como uma papoila!; os olhos contraem-se-lhe como se fossem dois bichos de conta, e ia já desmaiando, quando Mr. Vitry acudiu declarando que fallava portuguez, o que provou maravilhosamente. Sabidas as contas a menina tinha um dente queixal furado, e queria um remedio que lh'o conservasse sem ser o do boticao. Mr. Vitry porém, vendo que todo o concerto seria perdido, declara-lhe que o pôde affoitamente tirar porque o dente ha-de tornar-lhe a nascer. Feliz lembrança, engraçada petta — a menina engoli-a; presta-se á dolorosa operação, o dente sahe, e a cova fica aberta á espera do vaticinado successor, que até á data desta ainda se não dignou apparecer!

Havemos por licitas e mui louvaveis estas mentiras empregadas pelos operadores e folhetinistas. Agora só nos resta declarar, que a ingenua menina protagonista deste singelo « *vaudeville* » tinha então de idade menos um anno dos que reinou D. Afonso II.

Barão d'Alfenim.